

P r e f á c i o

Transformar emoções em palavras não é tarefa fácil. As emoções nos atingem como acordes tocados por uma grande orquestra sinfônica; traduzi-las para a linguagem verbal implica desenrolar esse novelo, transformar os sons em fonemas e enfileirá-los numa seqüência de palavras. Nesse processo, perde-se parte importante da energia original – e é por isso que tantas vezes “não temos palavras” para dizer o que sentimos. Os especialistas nesse processo são os escritores – e em certas situações especiais precisamos pedir emprestadas as palavras de um poeta para dizer o que sentimos.

Uma mulher se debruça sobre sua vida e fala de sua história. História banal? Até certo ponto, sim. Como a minha, como a sua, como a de todas nós. Seu relato percorre o cotidiano, o trivial variado de tempero caseiro, como uma conversa de comadres: as dificuldades com as filhas, a criatividade culinária do companheiro, algumas saias-justas da vida social... Mas ela fala também de algumas das terríveis tragédias que compõem os pesadelos de todo ser humano: a solidão, a angústia do desconhecido, o estranhamento com o familiar. Porque seu relato tem, como pano de fundo, o período mais negro da história de seu país de

origem: os anos de chumbo da ditadura militar argentina – a mais sangrenta e cruel de todas as que assolaram a América Latina no século XX. E a experiência do exílio, ao qual foi submetida, perpassa todos os aspectos da vida, dos mais corriqueiros aos mais dramáticos.

A história começa em Buenos Aires, em 1976, na avenida Santa Fé, quando uma mulher desesperada comprava compulsivamente sapatos para ela e para as filhas. Por que precisava ela de tantos sapatos? De onde lhe vinha tamanho desespero?

Naquele momento, ela estava a ponto de, literalmente, perder o chão: a ditadura solapava o território conhecido de amigos e lembranças familiares, e fazia voar pelos ares os sonhos e projetos da sua geração. Ela sabia que não tinha escolha: a pátria significava humilhação e morte; a vida se impunha. E vida queria dizer o exílio, o transplante para um solo desconhecido. Ao se preparar para a fuga, sentiu a necessidade frenética de se munir de sapatos fabricados na terra natal, com matéria-prima argentina: ela queria garantir que seus pés – e os de suas filhas – continuariam a pisar em terreno familiar.

Os jardineiros sabem que, para transplantar uma árvore já formada, é preciso antes preparar o que chamam de “desmame”: cava-se uma cova redonda em torno das raízes, deixando um torreão de vários centímetros em volta delas, de modo que fiquem isoladas do restante do terreno. Só depois que as raízes se adaptam e passam a tirar sustento do torreão que as rodeia é que a árvore pode ser transportada para o novo hábitat. Na sola dos sapatos argentinos, minha amiga procurava levar consigo a terra que alimentava suas raízes. Mas não lhe seria concedido tempo para adaptação.

A condição de exilado e a de emigrado têm alguns aspectos em comum: ambos abandonam sua pátria em busca de melhor perspectiva de futuro. Mas há, na emigração, um componente de escolha do qual o exilado carece. O exílio é uma imposição vinda de fora, enquanto a emigração é uma decisão do indivíduo, ainda que se veja forçado por condições externas. O emigrante tem certa possibilidade de fazer uma despedida e um luto antes de partir; o exilado não tem sequer a chan-

ce de fazer o desmame. Entretanto, a diferença fundamental é que o emigrante parte de sua terra movido pela esperança, atraído pelas possibilidades de outro lugar, enquanto o que move o exilado é o terror, que o empurra para fora de sua pátria: ele é expelido pelo passado, não atraído por um futuro.

Assim, o exilado resiste a estabelecer uma ligação definitiva com o presente e continua preso por mais tempo a seu país de origem. Mas, em algum momento, será obrigatório encarar a irreversibilidade da situação, abrir mão dos ilusórios projetos de um retorno sempre adiado e criar novas raízes nesse solo adotado. Correndo o risco de, como a personagem bíblica, transformar-se em estátua de sal (cristalização das lágrimas de saudades?), o exilado mantém os olhos no passado, incapaz de lançar seus alicerces no futuro. Não raro, instala-se então um conflito de lealdade, como se os laços criados com a nova pátria configurassem uma traição à pátria de origem. Essa etapa, se não for superada, pode gerar grave quadro de melancolia.

No entanto, os sentimentos mobilizados pela experiência do exílio estão presentes também em outras situações; não são exclusivos de quem foi constringido a abandonar a terra onde nasceu. Alguns desses sentimentos estão presentes, por exemplo, na vida conjugal, quando os parceiros deparam com as diferenças culturais que foram negadas ou escamoteadas na fase de namoro e descobrem que a maneira como sua família de origem expressa os afetos não é universal – e, portanto, se dão conta de que a família do outro é um território estrangeiro, cujo idioma afetivo terá de ser aprendido.

O processo de envelhecimento também nos lança em território estrangeiro, para onde cada geração decreta, sem clemência, o exílio da geração anterior. Também nessa experiência nossas competências são cotidianamente desafiadas e revistas (as escadas que parecem mais íngremes e longas a cada dia); nessa circunstância, deparamos com a necessidade de aprender um novo idioma.

Mas os recém-casados estão cercados dos amigos, que vivem problemas semelhantes e continuam imersos na família de origem, com

quem podem praticar o idioma conhecido. As dificuldades do envelhecimento instalam-se gradualmente, ninguém faz um vôo sem escalas dos 30 aos 60 anos. Os exilados, no entanto, têm de enfrentar todos esses desafios sem o respaldo do conhecido, e são cotidianamente tomados de assalto pelos sentimentos de humilhação e incompetência.

Este livro dá o testemunho da superação dessas dificuldades, do triunfo da coragem e do afeto. Ele fala também da esperança que nutre os recém-chegados, das boas surpresas que o acolhimento de estranhos propicia, das alegrias das novas conquistas. Mais ainda: este livro é o fruto e a prova da bem-sucedida sementeira que a autora e seu companheiro fizeram no solo que escolheram como seu.

Lidia Aratangy
Psicóloga e escritora

1

Setembro de 1973. O governo constitucional do Chile é deposto pelos militares, liderados por Augusto Pinochet e auxiliados pela CIA. O presidente Salvador Allende é sitiado no Palácio de La Moneda, sede do governo, de onde só sairá morto. Acolho em minha casa, em Buenos Aires, duas jovens chilenas com seus bebês. Escapavam da brutal repressão. Chegaram com o que tinham no corpo. Deixaram tudo, para não deixar a vida. Ou teriam deixado também a vida?

Desdobrava-me para lhes dar um pouco de calor humano, algo que pudesse atenuar as inconcebíveis perdas. Naquele instante, eu não poderia adivinhar que três anos mais tarde eu estaria, com a minha família, na mesma situação, tendo de sair às pressas, como pássaro ameaçado. As chilenas ao menos contaram com duas vantagens: falavam o mesmo idioma do país que as acolheu e tiveram uma família que as recebeu.

Outubro de 1976. Desembarco em São Paulo com minhas duas filhas: Carolina, do meu primeiro casamento, de 9 anos, e Victoria, do segundo, com 2 anos de idade. Chegamos de uma viagem na qual Victoria não parou de chorar um minuto. Ela gritou desesperadamente,

desde a hora em que pisamos no avião até a descida. Os passageiros não suportavam mais, e eu não sabia o que fazer. A aeromoça me ofereceu um comprimido para sedá-la, mas me opus firmemente: aquela não era uma dor que se pudesse aplacar com calmantes. Victoria chorava tudo que eu e Carolina não podíamos chorar, tudo que sua inocência lhe permitia. Mas isso a aeromoça não poderia entender.

Por que estávamos desembarcando no Brasil? Aprendi com meu pai, um espanhol íntegro e severo, que é preciso ser direito, responsável, trabalhar duro e, sobretudo, não mentir. Até então, eu acreditava ter cumprido todos esses preceitos. No que teria falhado? Meu pecado teria sido querer, como muitos de meus amigos e colegas, que a Argentina fosse um país mais justo? Por isso essa debandada de minha terra? Com que direito interrompiam meus projetos de vida?

Eu não sabia responder a nenhuma dessas perguntas. Naquele aeroporto restava eu, despojada de minha própria roupa, de todos os meus pertences; assim, sem pele, em carne viva.

Um corte profundo e incicatrizável se instaurara durante aquele vôo. Dois mil quilômetros marcavam a distância entre o familiar e o abismo que se abria ao descer do avião, onde tudo, absolutamente tudo, era desconhecido. Dois mil quilômetros entre o passado usurpado e o futuro incerto.